

Apresentação

Ditadura militar brasileira (1964-1985): reflexões críticas acerca do autoritarismo na literatura e nas representações audiovisuais

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(João Cabral de Melo Neto)

Ao trabalharmos com o período da ditadura militar brasileira (1964-1985) dialogamos sobre um momento muito sensível de nossa história, mas de fundamental importância para discussão por ainda estar incrustado de modo contínuo na vida de todos os brasileiros. Momento histórico extremamente complexo e que deixou severos traumas para a sociedade em todos os cenários. Podemos ver a clareza dessas cicatrizes na política, nos direitos humanos, no ensino e nas várias matizes das artes e letras, conforme exame dos artigos deste dossiê.

Por ser um cenário de exceção, conseqüentemente, era suprimido os direitos básicos de cidadania e de contestação ao regime, sobrando obviamente apenas o arbítrio do torcionário ditatorial como arma do autoritarismo político. Naqueles tristes anos, a tortura tornou-se a prática inquisitória para extrair confissões aos alegados oponentes dos militares e o pau-de-arara, assim como outros instrumentos de tortura, tornaram-se os monumentos erigidos como estandarte para as deliberações da política: triste período, que deixou cicatrizes profundas no tecido social brasileiro.

No tocante as artes e letras, conforme sabemos, sofreram todo o infortúnio de repressão, pois, assim como o ensino, era um polo de resistência e vocalização dos dramas que se viviam naquela quadra histórica. A censura implacável servia como aparato de compressão para limitar qualquer forma de denúncia acerca da cruel ditadura, logo, abundavam livros censurados, peças de teatros vetadas e filmes mutilados. A cultura

agonizava; porém, respirava de modo sôfrego por entre frestas em face da ousadia de escritores, produtores, compositores e artistas que tentavam burlar a sanha dos verdugos.

Essas fendas de luzes refletidas pela coragem de muitos agentes, por conseguinte, construiu a moldura de praticamente todo o período ditatorial brasileiro. Como reflexo na vida cotidiana, esses atores precisavam espertamente camuflar as denúncias, na forma de mensagens, para escancarar a dura realidade vivida - mesmo sabendo que poderiam ser presos, torturados, mortos e tornar-se um desaparecido político. Conforme estudo, a ditadura teve fases, ora mais repressiva e fascista, ora mais descomprimida (no período do seu crepúsculo final), mas sempre se manteve vigilante, opressiva e com censura extrema aos produtores da cultura.

Os livros lançados no período, assim como as músicas, filmes e peças de teatro, sofreram todo os revezes do quadro político, sendo objeto importantíssimo de estudo a forma como autores, produtores e classe artística conseguiram construir a cultura brasileira burlando a máquina torcionária. Deste modo, como produto de sua época, esses 21 anos de regime opressor legou um perfil característico na produção das artes e das letras, por exemplo, sendo muito visível na forma cifrada que autores escreveram, igualmente, se manifestando como resistência nas músicas, cinema, livros e demais narrativas.

Outro elemento importantíssimo para evidenciarmos, é que nos anos finais do regime, mais precisamente no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a sociedade brasileira exaurida pelo sufoco começou a se organizar de forma mais incisiva na luta contra a ditadura. Naquele cenário, marcado pelo esgotamento político e desmoralização do regime, as artes e letras tornar-se-iam também porta-vozes de denúncias contra todo o arbítrio vivido, construindo uma multivocalidade ativa como forma de resistência. Podemos ver essa vocalização em diferentes jornais alternativos do período, bem como na mídia impressa que conseguia furar de forma insurgente o bloqueio da censura.

Nesse enquadramento de resistência, abundaram uma farta produção bibliográfica de livros, conforme podemos verificar neste dossiê, servindo como objeto de estudo para as gerações vindouras. Do mesmo modo, convém realçar que a produção acerca da cultura no período ditatorial não se resume apenas ao manancial bibliográfico e artístico elaborado naqueles 21 anos, mas igualmente podem ser analisados por meio da produção artística recente que reflete sobre aquele momento infeliz e das suas consequências

perenes na sociedade brasileira. Destacamos as diversas obras de ficção lançadas após a transição para a democracia, sendo a literatura um grande expoente:

A literatura sobre a ditadura se constrói a partir desse palimpsesto e cumpre o papel de suplemento aos arquivos que, ainda quando abertos para a população para consulta, são áridos e de difícil leitura. Ao criar personagens, ao simular situações, o escritor é capaz de levar o leitor a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres. (FIGUEIREDO, 2017, p. 29)¹.

Portanto, trabalhar sobre o período ditatorial nas artes e letras é construir um repertório com muita delicadeza, respeitando as dores, procurando denunciar as mazelas vividas e, sobretudo, fazendo uma leitura minuciosa dos escritos, das músicas, dos filmes e das imagens fotográficas – para além das mensagens cifradas. Em síntese, ler nas entrelinhas pressupõe um respeito ao passado, especialmente um tributo a todos os personagens que se dispuseram escrever as páginas da cultura brasileira, com destaque às múltiplas vozes solitárias que foram apanhando gritos e tecendo novas manhãs de sol visando um porvir livre dos grilhões ditatoriais.

Não obstante as dores sofridas, contudo, no momento recente no Brasil, novamente passamos por tentativa de sufocamento e ficamos no limiar de um novo período autoritário. Em face da gravidade do ocorrido, portanto, convidamos a todos para uma leitura atenta deste dossiê como forma de denúncia dos 60 do Golpe Militar, de modo preciso, visando rememorar as dores do vivido pelas vítimas, as sequelas visíveis que ainda saltam por meio dos fatos narrados nos livros e, sobretudo, com vista a dar lastro à escuta com zelo das múltiplas vozes que foram censuradas e caladas pela força. Esperamos que este dossiê sirva, fundamentalmente, para refletirmos acerca daquele triste momento de nossa história: *Para que nunca se esqueça e nunca mais aconteça!*

Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo

Profa. Dra. Gínia Maria Gomes

Profa. Dra. Ana Lília Rocha

¹ FIGUEIREDO, E. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.